

The Svmvm Bonvm Organization



Alma Animal

Tiquinho O Pássaro do Santo Espírito

*A história verídica do pássaro Tiquinho,
que veio a este mundo e se foi,
cumprida a sua missão,
deixando uma certeza: a morte não existe.*

Uma publicação do Site “Alma Animal”
da Ordo Svmvm Bonvm:
<http://svmmvmbonvm.org/almanimal.htm>



"Auto-retrato com Tiquinho" (Frater Velado, 2002CE)

pelo Frater Velado
Abade da Ordo Svmvm Bonvm
Irmão Leigo da Ordem Rosacruz

Fotos de Analu, SRC

A TARDE caía e um vento frio começava a soprar. Eu me preparava para realizar algumas tarefas de limpeza quando escutei um som plangente, muito triste e profundo, que vinha não sei de onde. Por muito tempo procurei, andando por vários cantos, pois parecia ser o som produzido por um bicho morrendo. Eu já ia desistir,



quando tive uma súbita inspiração, como se algo colocasse uma indicação muito precisa na minha mente. Seguindo essa indicação fui direto a uma varanda com móveis de ferro e me abaixei, olhando para trás de um dos pés de uma poltrona. Sim, a indicação era absolutamente verdadeira, lá estava ele, o autor daquele dolorido som: uma minúscula bolinha de penas, com um enorme bico. No total - bico e corpo - essa criaturinha não media mais de 1 centímetro. Suas penas eram de um lindo cinza azulado e os olhinhos, muito pretos e estranhos, pareciam espelhar toda a dor do mundo. Contrastavam com o amarelo forte do bico. Ele olhou para mim, profundamente, eu o peguei e coloquei na palma da mão direita e, imediatamente, numa transmissão de pensamento tão precisa e nítida como a indicação da localização daquele bichinho, compreendi toda a sua história: um predador atacara o ninho onde nascera há apenas dois dias, comera seus pais e seus irmãozinhos; e ele, então, misteriosamente, caíra até a varanda, quase flutuando, como se fora uma folha, ao sabor de um vento místico.

Batizei esse pássaro com o nome de Tiquinho e passei a alimentá-lo com curau, na esperança de que sobrevivesse. Eu não sabia que pássaro ele era e nem qual a alimentação que lhe seria adequada. Mesmo assim fui

insistindo - ele queria comer de cinco e cinco minutos, pois não se saciava completamente - e a cada vez que desejava mais alimento emitia seu pio triste. E foi assim que eu o criei, tendo descoberto que a alimentação que lhe seria mais propícia era ração de sabiá socada no pilão de esmagar alho, misturada com curau. Mais tarde passaria a lhe dar cenoura ralada e uma papa com proteína vegetal, que incluía insetos desidratados. Tiquinho formou corpo e grande foi minha surpresa quando suas penas cresceram e ele exibiu um lindo topete, que parecia uma tiara de um pássaro real. Quando contei na United Communities of Spirit (UCS) que havia adotado um pássaro e o descrevi, ainda filhote, um dos membros da UCS, o poeta Michael Levy, fez um lindo poema para ele. Pintei um quadro retratando Tiquinho e ele se tornou conhecido internacionalmente.

Quando a Ordo Svmvm Bonvm me pediu uma foto oficial minha para ser usada em certos textos, fiz esta foto com Tiquinho pousado na minha estola e, com base nessa foto, criei um quadro, o auto-retrato do Profeta Jehosu, que ilustra este texto. Esse quadro foi colocado na Internet, na minha Galeria de Arte e em um site pela paz mundial.



Tiquinho com seu pai adotivo

Os meses se passaram e comecei a notar que havia uma ligação muito íntima entre eu e aquele pássaro: ele só queria ficar onde eu estivesse e mal eu me afastava para fazer algo ele me chamava, com seu pio. Eu o chamava pelo nome e ele imediatamente respondia, emitindo um som característico. Mesmo já crescido eu lhe dava comida no bico e a cada graõzinho de arroz que eu lhe oferecia durante o almoço - almoçávamos sempre juntos - ele cantarolava uma musiquinha cheia de trinados. O que eu gostaria mesmo era de ter podido soltá-lo, para que voasse para a mata próxima, onde eu já escutara o pio e o grito de guerra

de passaros da sua espécie. Mas não pude fazer isso, pois seus pais não o haviam preparado para a vida: ele não sabia voar direito, nem conseguiria encontrar alimento sozinho, e um dos muitos gatos que vivem pela região poderia pegá-lo. E foi assim que me vi forçado a mantê-lo em uma gaiola, de onde sempre o retirava para dar-lhe banho e acariciá-lo. Uma das coisas que me chamou a atenção foi o fato de que Tiquinho era completamente destituído de agressividade e, por isso, pássaros de outras espécies, muitos deles normalmente agressivos, dele se aproximavam sem jamais hostilizá-lo. Até mesmo a cadela pastor alemão que vive comigo, chamada Dora, olhava para ele, em sua gaiola, sem esboçar qualquer intenção de pegá-lo, ela, que habitualmente tentava agarrar pardais. Tiquinho mostrava uma grande admiração por essa cadela.

Certa vez eu deveria cumprir a incumbência de escrever um livro inteiro até uma determinada data, na qual, por motivos místicos, ele seria anunciado ao público, pela Internet. Faltavam poucos dias para aquela data e nem o primeiro capítulo havia sido escrito. Eu estava muito cansado, devido às agruras da vida, e não sabia por onde começar. Subitamente, Tiquinho me chamou. Eu o peguei e coloquei junto de mim, em uma janela do meu escritório pessoal, situada pouco acima da minha cabeça e também do computador que habitualmente uso para programar. Habitualmente, escrevo textos místicos à mão, usando minha caneta-tinteiro Mont Blanc, que fica junto a uma peça da Ordem de Maat que aqui não pode ser descrita, por ser reservada a Membros dessa associação secreta de escritores e webmasters dedicados a temas metafísicos. Naquele dia, porém, substituí o desktop do meu IDE (ambiente de programação), por um desktop para textos e imagens e comecei a escrever o livro no computador, usando um editor de textos para programação, o NoteTab Pro, que ganhei de presente do desenvolvedor. Em poucos dias o livro ficou totalmente pronto e foi lançado na data prevista. Trata-se de "Macrocosmo Iluminado", um livro para a Nova Era. Esse livro pode ser lido online neste endereço: <http://www.svmmvmbonvm.org/macro/>

Algum tempo depois, Tiquinho viria a fazer a transição. Foi acometido de um súbito enfraquecimento, progressivo e inexorável. A última vez em que o peguei na mão ele estava em estado de profunda letargia, com os olhinhos fechados, e já não abria o bico. Eu o acariciei e lhe disse:

-Sou eu Tiquinho, seu pai. Saiba que eu gosto muito de você.

Então, como por um milagre, ele cantou. Foi um canto alegre, durante o qual me chamou, usando o som que sempre usava para me chamar. Eu soube, interiormente, que aquela era uma despedida. Coloquei-o na sua gaiolinha, me afastei e, pouco depois, sentindo uma grande aperto no coração, retornei ao local onde o deixara, quase correndo. Uma chuva muito forte caía. Aproximei-me da gaiola e o corpinho lá estava, inerte. Tiquinho havia feito a transição. Eu o peguei e me lembrei de quando era menino e matava passarinhos com atiradeira, de como capturava

avezinhas com arapuca e as matava segurando-as pelos pés e batendo com a cabeça delas em uma pedra, conforme os outros moleques, meus amigos, me haviam ensinado. Eu me lembro de que depois, sem o menor remorso, fazia churrasco daqueles passarinhos e os comia. Foi levado por esse instinto que me tornei caçador, abatendo a tiros, por esporte, perdizes e codornas, com o auxílio de um fiel pointer inglês que por muitos anos me acompanhou. Naquele momento, com o corpo de Tiquinho na mão, tudo aquilo me veio à cabeça de uma vez só e eu pude me lembrar, com todos os detalhes, de como havia mudado meu comportamento em relação a esses pequeninos e indefesos seres graças aos meus estudos na Ordem Rosacruz, AMORC, compreendendo que eram criaturas vivas e conscientes, iguais aos seres humanos, e que deveriam ser respeitadas e protegidas.

Quando a chuva cessou fui ao jardim e cavei um sepultura para colocar aquele corpinho, envolto em uma mortalha branca. Ali eu o sepultei, colocando uma pedra redonda em cima. Junto a ela acendi uma vela e uma varetinha de incenso. Quando a vela se apagou, consumindo-se totalmente, e do incenso também tudo se evolaria, a chuva voltou a cair, mas estranhamente parecia não molhar aquele local, unicamente. E ali, por sobre a pedra, notei que ia se formando uma oval brilhante de luz muito branca, uma névoa que parecia uma coisa viva. Essa oval foi aos poucos se desvanecendo, como se estivesse passando para um outro plano, ao qual eu não tinha acesso. Foi nesse momento que tive, mentalmente, uma súbita revelação: durante algum tempo eu havia tido a oportunidade e o privilégio de conviver com o próprio Santo Espírito, vindo ao mundo como uma pequenina e desprotegida ave, o pássaro Tiquinho, que eu tentei proteger. O interessante é que enquanto ele estava vivo, aqui na Terra, ao meu lado, eu nunca me dera conta disto. Apenas após a sua transição para um outro plano de existência, totalmente inacessível e completamente incompreensível, é que me foi dado ter essa percepção e compreender a verdade.

Assim é a vida: "a morte não existe, é apenas uma breve separação", como me disse o Mestre Apis, que me encarregou de escrever aquele livro, aquele livro que Tiquinho me possibilitou escrever.



Documento Especial em PDF do Latino Portal R+C

<http://svmmvmbonvm.org/latinoportal.htm>

Produzido por Mandriva Linux 2008/Gnome

Em Fevereiro de 2008 CE

Distribuição (gratuita) permitida